

Documentário mostra saga dos irmãos Villas-Bôas

Paulo Humberto/BVDA

'O Brasil dos Villas-Bôas' resgata uma parte fundamental da história do País

RICARDO DE SOUZA

É de Darcy Ribeiro uma definição incisiva sobre a importância do trabalho realizado pelos irmãos Villas-Bôas: "Eles representam o que o humanismo brasileiro pode exibir de mais fascinante." A admiração do antropólogo por Cláudio, Orlando e Leonardo foi compartilhada por intelectuais de todo o mundo. Afinal, eles dedicaram toda uma vida à defesa e preservação das nações indígenas brasileiras, movidos basicamente por uma mistura de espírito de aventura e uma generosidade inesgotável. Uma saga que durou mais de 30 anos e vai agora ser contada no documentário *O Brasil dos Villas-Bôas*, da produtora Beta Filmes, dirigido por Nilson Villas-Bôas (um parente distante dos três irmãos) e em fase de finalização.

O filme, dividido em quatro episódios de 52 minutos cada, começou a ser realizado em 1997, quando ganhou o apoio do então ministro das Comunicações Sérgio Motta, que injetou R\$ 700 mil para iniciar a produção por meio de patrocínio da Telesp. Com a morte do polêmico ministro, o projeto ficou à deriva até recentemente. Desta vez, quem entrou na história foi a Secretaria de Comunicação Social do Governo Federal, por intermédio do ministro Andréa Matarazzo, que também se entusiasmou pelo filme.

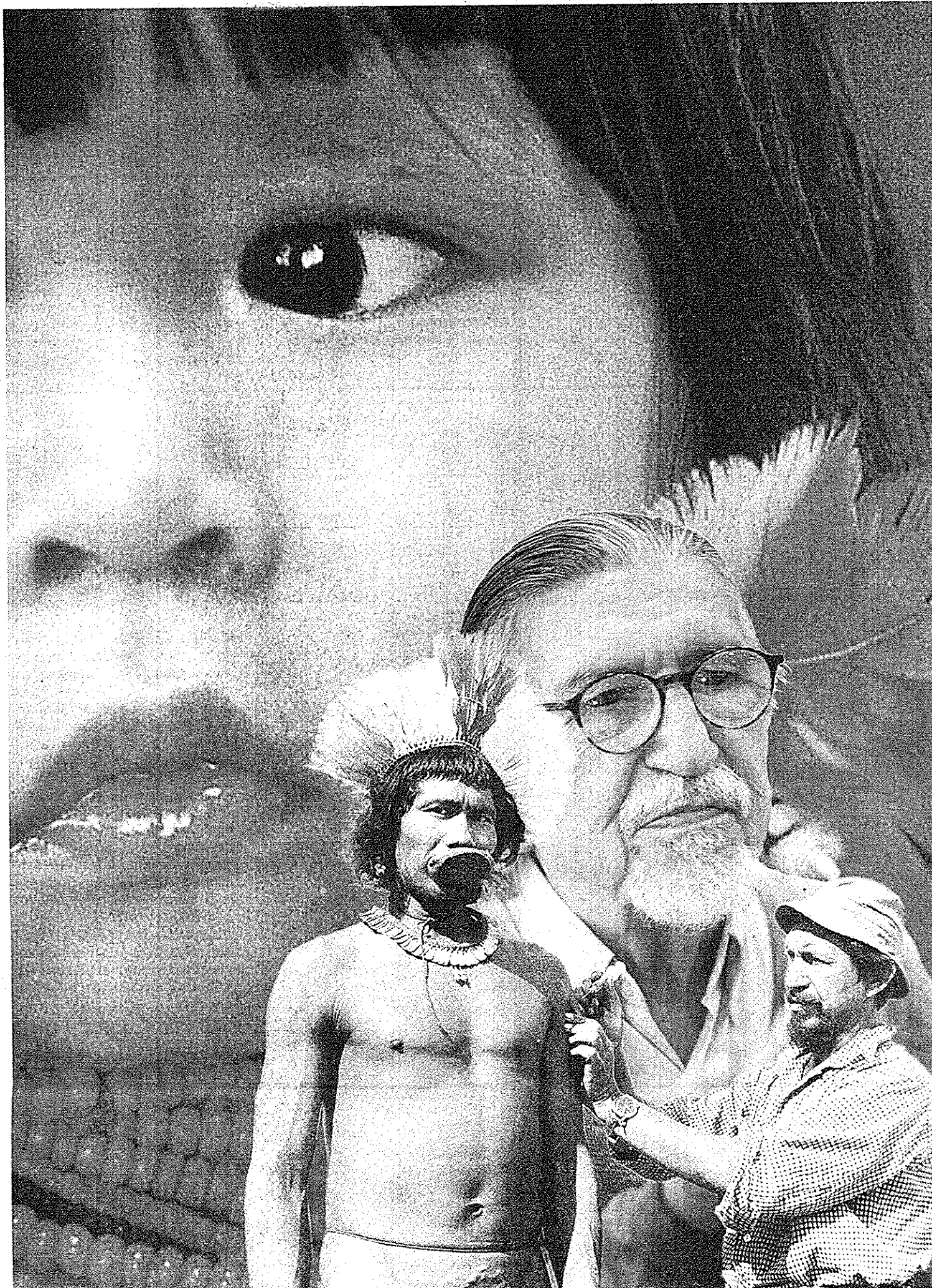
Xingu – *O Brasil dos Villas-Bôas* não é apenas um registro audiovisual da saga de três irmãos pelo intocado oeste do País. O documentário resgata um período fundamental da história brasileira, que parte das expedições exploratórias ao interior, passa pelos contatos amistosos com as populações indígenas do Brasil central, culminando na criação do Parque Nacional do Xingu, em 1961.

Único dos irmãos Villas-Bôas vivo, Orlando, de 86 anos, deu um longo depoimento – mais de 20 horas, segundo produtores da Beta Filmes – para o documentário. Entremeando as falas do sertanista serão mostradas cerca de 3 mil fotografias e imagens recortadas de aproximadamente 60 filmes, que estavam espalhados em países como Estados Unidos e Japão. Muitas imagens foram feitas pela emissora BBC, de Londres.

Orlando Villas-Bôas recebeu a reportagem do *Estado* para falar sobre o documentário em sua casa, localizada no Alto da Lapa. Na sala de estar, as paredes são repletas de retratos e quadros pintados por amigos e admiradores, muitos estrangeiros. Com uma lucidez admirável e o mesmo bom humor que alegrava as expedições, Orlando fala com orgulho do filme. "É um filme sobre uma área pouco conhecida e bonita do Brasil central", diz o sertanista. "Era uma região onde não havia nada e hoje tem mais de 40 cidades."

Durante as décadas em que enveredaram sertão afora, os Villas-Bôas abriram mais de 1,2 mil quilômetros de picadas e construíram cerca de 30 campos de aviação. A incursão pela região desconhecida pagou um preço muitas vezes caro: muitos morreram vítimas de flechadas ou bordunadas de índios arrebados ou sucumbiram às implacáveis doenças da floresta. Os próprios Villas-Bôas padeceram no sertão. Juntos, Orlando, Leonardo e Cláudio contraíram mais de 500 malárias.

Áreas desocupadas – Contudo, nenhum desses obstáculos da natureza impediu os três de ingressar, em 1943, na expedição Roncador-Xingu, que partiu de São Paulo. Orlando conta que a expedição se originou de um pronunciamento do primeiro-ministro francês Paul Renault, que, informado do tamanho das áreas desocupadas do Brasil, pregou a ocupação dos "brancos" existentes aqui por europeus. Ele conta que o discurso coincidiu com uma viagem do Getúlio (Vargas) para a região



Uma trajetória repleta de 'causos'

Reprodução

No depoimento que deu para o filme, Orlando Villas-Bôas narra fatos que resvalam na ficção

As histórias que compõem a saga dos irmãos Villas-Bôas mesclam realidade e ficção. Quando Orlando Villas-Bôas se põe a falar sobre as aventuras da família no Brasil central, é difícil discernir histórias verdadeiras dos "causos" típicos do povo interiorano. No extenso depoimento que deu para o documentário *O Brasil dos Villas-Bôas*, o sertanista conta dezenas dessas histórias, a maioria protagonizada pelos sertanejos que acompanhavam as expedições. Uma gente simples, ingênua e analfabeta, que divertiam e às vezes davam trabalho aos três irmãos. Afinal, muitos tinham mortes nas costas e eram fugitivos da polícia.

Orlando Villas-Bôas lembra da vez em que um sertanejo pernambucano encenou quase matou um companheiro. A medida que os problemas iam ocorrendo, os irmãos aproveitavam para batizar os rios e córregos que encontravam pelo caminho. "Eles começaram a discutir ao lado de um córrego que virou o Córrego da Discussão; depois vieram os córregos da briga, da faca, do tiro e da volta", lembra Villas-Bôas, que, prevendo que a confusão poderia acabar em morte, mandou o pernambucano de volta.

Mas havia também os momentos de diversão na expedição. As peladas de futebol proporcionaram deliciosas histórias, principalmente nas primeiras expedições, ocasião em que os irmãos



Orlando Villas-Bôas (à esq.) com sertanejos. "Se fosse possível, faria tudo novamente"

Villas-Bôas apresentaram o espartado e decepcionado, rebateram: "Mas carece correr?"

Outra pérola que Orlando conta dando risadas ocorreu em outra pelada. Os times foram divididos, sete para cada lado, e Villas-Bôas, olhando para os sertanejos Chiquinho e Manezinho, disse: "Vocês são adversários." Notando que não sabiam o significado da palavra, Orlando explicou que no campo eles se-

riam inimigos. Inconformado, Chiquinho não aceitou aquilo: "A gente nasceu no meu lugar, crescemos juntos e agora, por causa de uma bolinha de burracha, vamos ficar inimigos?"

As histórias contadas por Orlando Villas-Bôas transbordam nostalgia e emoção. Uma emoção de quem dedicou quase toda a vida a uma tarefa árdua. Se possível, ele faria tudo novamente, correria todos os riscos outras vezes, passaria por privações sem reclamar. Porque, como bem afirmou Darcy Ribeiro, "o que explica os Villas-Bôas é o amor, e mais nada". (R.S.)

do Araguaia, onde o ministro João Alberto – na época coordenador da Mobilização Econômica – informou o presidente da palavra do francês. "Esse fato motivou o presidente a criar a Fundação Brasil Central (FBC), com o objetivo de enviar expedições para povoar o interior do País", recorda-se Villas-Bôas.

Para o sertanista, ainda há muito a ser falado sobre a caminhada para o oeste. "O Brasil é um país sem história, principalmente do que ocorreu no oeste brasileiro e em regiões como Rondônia; não foi fácil achar alguém para contar essa história", afirma Villas-Bôas.

E é nas pequenas histórias contidas nessa história que reside o grande atrativo do documentário. São relatos que detalham os primeiros contatos com os índios – foram cerca de 19 tribos ao todo –, a maioria pacífica, mas algumas, como os xavantes e os kranhacôrore, mataram muitos integrantes de expedições anteriores. "Pouco antes de chegarmos, os xavantes mataram uma expedição de 11 homens liderada por Pimentel Barbosa", conta Villas-Bôas.

Fogo – "Os xavantes nos atacaram 18 vezes", relembra o sertanista. "Eles colocavam fogo por onde passávamos e cada um dos 14 homens da expedição oferecia uma solução; e então, sem enxergar direito, corri, achei um córrego e gritei: 'Água boa, água boa!'; e foi ali que todos conseguiram respirar." Detalhe: hoje, naquele mesmo local, existe uma cidadezinha chamada Água Boa.

Apenas Leonardo e Cláudio integraram a expedição desde o início, partindo de Goiás Velha. Quinze dias depois, Orlando chegava, vindo de Uberlândia. "Chegando a Leopoldina, compramos uma canoa e remamos até a primeira base da expedição, localizada na foz do Rio das Garças, onde havia muitos garimpeiros", conta Orlando, que, como os irmãos, fingiu-se de analfabeto para escapar do trabalho burocrático. Orlando trabalhou como pedreiro e os irmãos como capineiros, mas não por muito tempo. Assim que a farsa do analfabetismo foi confirmada, tornou-se secretário da expedição.

Confronto – Acostumados aos rigores do sertão, os Villas-Bôas nunca se curvaram aos caprichos e autoridade dos militares. Um exemplo disso ocorreu após a construção do campo de aviação do Cachimbo, o limite da expedição. Para abrir o campo, foi necessário cavar no meio de pedras durante meses, sem falar do calor e das nuvens de mosquitos que infernizavam o grupo. "Depois de pronto, um oficial da FAB, contrário ao governo, disse que seria um bom ponto estratégico para lançar uma ofensiva; e eu disse para ele arrumar outro campo, porque ali não entraria", esbraveja Orlando, como se estivesse novamente frente a frente com o tal oficial.

Por oito anos, Orlando esteve afastado dos índios do Alto Xingu. Contudo, em 1998, ele voltou para uma grande festa de Kuarup, em homenagem ao irmão Cláudio, morto poucos meses antes. Foi um emocionante reencontro de amigos, que reuniu cerca de 2 mil índios. "Pelo menos 400 deles choraram quando encontraram Orlando", lembra Marina, inseparável mulher do sertanista há mais de 30 anos, com quem teve dois filhos, Orlando e Noel (cujo nome foi dado em homenagem ao sanitarista Noel Nutels, grande amigo do sertanista).

Villas-Bôas, que em fevereiro foi demitido por fax do cargo de assessor especial da Fundação Nacional do Índio (Funai), pelo então presidente do órgão, Frederico Marés – decisão criticada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, que telefonou ao sertanista para pedir desculpas –, não disfarça a mágoa pelo ocorrido. "Nós seríamos uma pedra no caminho deles, que tinham uma política que buscava integrar o índio à civilização, enquanto nós sempre seguimos a filosofia do marechal Rondon: o índio só sobrevive na sua civilização", desabafa Villas-Bôas.